

Fernando Pessoa

XII — Ela ia, tranquila pastorinha,

XII

Ela ia, tranquila pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição.
Seguia-a, como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha. . .

«Em longes terras hás-de ser rainha»
Um dia lhe disseram, mas em vão. . .
Seu vulto perde-se na escuridão. . .
Só sua sombra ante meus pés caminha. . .

Deus te dê lírios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Serás, rainha não, mas só pastora —

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistinto
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir. . .

s. d.

«Passos da Cruz». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995): 55.

1ª publ. in **Centauro** , nº 1. Lisboa: Out.-Dez. 1916.